

## CINEMA INDEPENDENTE E A CONSTRUÇÃO COLETIVA: NOTAS SOBRE A DIREÇÃO

WAGNER FERREIRA PREVITALI<sup>1</sup>; JOSIAS PEREIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – wagnerfprevitali@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – josiasufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Partindo da compreensão de que cinema se faz em conjunto, sabe-se que ao longo da história do cinema realizar filmes quase sempre envolvia uma equipe e a relação com os outros, sendo esses outros colegas de equipe ou aqueles que vão se posicionar em frente a câmera, aqueles que serão filmados. Mesmo quando o registro se dá apenas com o realizador e a câmera, é ainda do contato de quem filma, ou grava, com quem se posiciona em frente a câmera que se realiza um filme.

Nessa construção, o diretor se posiciona muitas vezes como o centro criador de um filme, tendo em alguns casos suas idéias como definitivas, principalmente em formas de realização que se constituem hierárquicas e industriais, em contrapartida a isso, é em práticas de cinema independente onde em alguns casos essa estrutura se modifica. Mesmo que com funções definidas como direção, fotografia, etc, em propostas de filmes independentes a formação da equipe, o jeito como ela se estrutura, permite experiências de trocas que agregam qualidade ao resultado final, é da experiência de aproveitar o melhor de um todo que os filmes aqui analisados se construíram.

A partir também da compreensão sobre o cinema *Mumblecore*, movimento de cinema independente norte americano, foi possível perceber características da sua realização que se refletem em filmes independentes, pertencentes ou não ao movimento. Realizadores desse movimento são responsáveis por “repensar constantemente a relação entre a maneira de realizar um filme e seu formato e conteúdo.” (PINTO, 2014). Em conjunto a isso, trago de minha experiência pessoal de realizar um filme universitário/independente a compreensão de um cinema em conjunto, a vivência prática deste modo de fazer cinema.

### 2. METODOLOGIA

Junto de leitura e pesquisa bibliográfica, trazendo referenciais sobre cinema independente, a compreensão sobre o movimento *Mumblecore* e questões características do cinema gaúcho, foi realizado também entrevista com um realizador de um longa-metragem gaúcho, *Eles Vieram e Roubaram sua Alma* (DE BEM; MARCON, 2016). Assim, através do estudo de um filme pertencente ao movimento *mumblecore*, *Mobília Mínima* (DUNHAM, 2010), e em comparação com o filme gaúcho foi possível notar características semelhantes em produções que se evidenciam independentes ou, pelo menos, fora de um formato de cinema industrial.

Trazendo uma relação mais pessoal a esse assunto, relato também minha experiência como realizador e diretor de um curta-metragem universitário, estudando sua realização como uma maneira independente de se fazer cinema.



Assim, comparando a experiência da realização de um curta-metragem universitário às características de um cinema com maior repercussão, mesmo sendo esse independente/não industrial.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Comparar o cinema independente norte-americano com o realizado no Brasil, principalmente no cenário gaúcho, se dá de forma dispare, em especial por aquilo que pode ser considerado realização de cinema independente para cada país. Cinema independente se dá em todo aquele que se desempenha sem grandes produtoras e estúdios. No Brasil, entretanto, pela não existência de grandes estúdios para realização de filmes a maior parte da produção do país se dá dessa forma independente, sendo apoiada por editais do governo, leis de incentivo ou até mesmo financiamento coletivo.

O que se percebe nessa comparação entre esses diferentes modos de cinema é a escolha por produções baratas, onde a equipe assume diversas funções ao longo da produção e, nessa independência dos grandes estúdios, os realizadores buscam produzir histórias que estejam ligadas a suas realidades e que priorizem experiências de troca. O cinema *Mumblecore* se constrói não somente pelas escolhas narrativas e estéticas, mas, principalmente, por buscar a quebra de estruturas hierarquizadas da produção do cinema, permite que todos se construam como parceiros da obra, dividam funções e, nesse coletivo, construam narrativas que se aproximam da realidade vivida por todos aqueles que juntos se comprometeram a contar uma história.

Esse movimento [...] consiste em um grupo de filmes cujas características em comum passam por “diálogos improvisados e performances naturalistas, realizadas geralmente por não-atores. Os filme gravados com câmeras digitais, a utilização estética da câmera na mão, do verité-style e dos planos longos. Os orçamentos são mínimos. Os roteiros são articulados em torno de eventos do dia-a-dia. As histórias são, em geral, óbvias reflexões da vida dos diretores. A maioria dos personagens são brancos, estudados e estão em busca de empreendimentos criativos, quando não estão em busca uns dos outros. Eles são sensíveis, eles são sinceros” (VAN COUVERIN apud PINTO, 2014, p. 17).

O filme gaúcho de De Bem e Macron também se revela semelhante ao movimento no seu fazer, como revelado em entrevista “o processo, mais do que uma filmagem sem hierarquia, foi uma filmagem de experiência, íamos descobrindo tudo com o desenrolar do processo.”(DE BEM, 2017. entrevista.)

Como autor deste trabalho e também realizador de cinema universitário e, por que não, independente, analiso minha experiência de direção no curta-metragem *Bicha Camelô* (PREVITALI, 2017) tendo em vista esse estudo sobre produções independentes e o papel do diretor ao longo das realizações. Tenho consciência que cada contato que tive ao longo do projeto foi fundamental para o seu resultado final. Mesmo assumindo papel de diretor e roteirista compreendo que a participação de cada membro da equipe resultou em uma modificação na narrativa.

Onde mais percebo que meu contato como diretor com o outro se tornou fundamental foi nos momentos documentais, por já ter tido convívio prévio com as pessoas que sederam suas falas ao filme, inclusive tendo pensado nelas no momento de escrita do roteiro. Aquilo que elas falaram foi criação delas, sendo



norteador pelas perguntas que realizei como diretor mas também sendo norteador de questões no roteiro, eu conhecia essas pessoas e sabia que suas histórias seriam importantes para o projeto.

#### **4. CONCLUSÕES**

Considerando as especificidades de cada filme, buscou-se associar o cinema que está sendo produzido por jovens realizadores, esses que mesmo vindo de realidades tão distintas possuem produções que conversam entre si. Os filmes aqui citados se relacionam como forma de resistência de um modo de fazer cinema industrial e hierarquizado, não se prendem a técnica e se defendem mais pela vontade de expressar e ser relacionável do que por um meio específico de contar uma história.

Pensar então o cinema como forma de criar relações, permitir que o afeto esteja presente e que as histórias contadas sejam íntimas e modificadas por cada pessoa presente na equipe, cada personalidade que constrói a obra em conjunto. São propostas para um cinema que olha para si, para seus realizadores, e para histórias que cada um quer contar, compreender a realização conjunta que permite o resultado final da obra. Assim sendo, não vejo o papel do diretor como algo definidor, mas como um mediador de idéias que se aproximem de um resultado final, e mesmo assim, é só através desse conjunto múltiplo e diverso que essas idéias serão viabilizadas.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS BRASIL, Giba; NADOTTI, Nelson. Deu pra ti, Anos 70. **Brasil. Direção: Giba Assis Brasil, Nelson Nadotti.** 1981.

DE BEM, Daniel. **Entrevista concedida a Wagner Previtali.** Via internet. 15 jun. 2017.

DE BEM, Daniel; MARCON, Daiane. Eles Vieram e Roubaram sua Alma. **Brasil. Direção: Daniel de Bem, Daiane Marcon.** 2016.

DUNHAM, Lena. Móbia Mínima. **Estados Unidos. Direção: Lena Dunham.** Tiny Ponies. 2010.

PEDROSO, Dafne. Cinema Gaúcho: diversidades e inovações. **Revista FAMECOS**, v. 16, n.40, 2009. Disponível online em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6328>

PINTO, Janaína do Nascimento Villas-Bôas. **THE MUMBLECORE KIDS: A nova geração do cinema independente americano.** Rascunho, v. 6, n. 10-11, 2014. Disponível online em: <http://www.rascunho.uff.br/ojs/index.php/rascunho/article/view/82>

PREVITALI, Wagner. Bicha Camelô. **Brasil. Direção: Wagner Previtali.** 2017.